



## **Espaço, Tempo e Velocidade: Uma Reflexão no Ambiente do Ciberespaço<sup>1</sup>**

Profa. Ms. Maria Cristina Pavarini de Lima<sup>2</sup>

Faculdade de Excelência Educacional do Rio Grande do Norte - Fatern

### **Resumo**

O avanço tecnológico permite ao ser humano, numa razão proporcional ao grau de interatividade com o processo, facilidades e recursos que o envolve a tal ponto que seria impossível pensar a vida sem eles. Espaço, tempo e velocidade são termos que fazem parte de nosso vocabulário diário e são utilizados em vários contextos. A proposta da presente pesquisa é discorrer sobre os novos conceitos de espaço, tempo e velocidade, na visão de pensadores contemporâneos como Vicente Romano, Jean Baudrillard, Pierre Lévy e Paul Virilio. Ao mesmo tempo, o estudo visa apontar como os conglomerados de comunicação de massa agem na construção desses conceitos. A reflexão aponta a forma como os autores percorrem os caminhos deixados pelas máquinas e equipamentos que não param de ser criados e que tanto constroem como destroem valores éticos e morais.

**Palavras chave:** espaço; tempo; velocidade

O relógio do quarto de minha avó batia num ritmo compassado, quebrando o silêncio da noite. Eu ocupava um espaço privado (delimitado pelo quarto de minha avó) onde o fator tempo (marcado em função das batidas do relógio) tinha um significado único em minha vida de criança de apenas cinco anos de idade. Sentia medo por estar só deitada em uma cama que não era a minha. Uma situação inusitada para mim e o lento tic-tac do relógio me assustava cada vez mais.

Essa cena está impregnada em minha memória como se a vivesse nos dias de hoje, exatamente igual. Seria capaz até de descrever a disposição dos móveis no quarto, as roupas de cama e a camisola que eu usava. É como se o tempo e o espaço se fundissem, se amalgamassem no significado de uma experiência vivida. Nessa situação específica, o tempo representa para mim a distância mais longa e mais curta entre dois lugares geográficos (denunciados por um registro em minha memória).

Certamente, nos dias atuais, poucas e até arriscaríamos dizer, nenhuma criança, passará pela experiência de estar em um quarto escuro, esperando o sono chegar ao som do tic-tac de um relógio. Estamos na era digital. Mas, outras experiências estarão gravadas em suas memórias e se manifestarão ao primeiro sinal de um de seus sentidos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Bacharel em Publicidade e Propaganda e Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Coordenadora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda na Faculdade de Excelência Educacional do Rio Grande do Norte (FATERN)



Iniciamos a nossa reflexão, apresentando uma experiência pessoal, para reforçarmos uma citação de Romano (1998, p.15) de que “el tiempo y el espacio son las condiciones básicas de la existência”. Ele enfatiza que, de acordo com a teoria da relatividade de Eistein, espaço e tempo não existem separadamente, fazem parte “de um espacio-tiempo único e indivisible” (ROMANO, 1998, p. 15). O autor amplia seu pensamento quando diz que “el tiempo denota la dinámica del desarrollo del mundo”. (ROMANO, 1998, p.15).

Uma experiência individual tem razões múltiplas na formação do homem social. Quando transferimos a análise para experiências sociais coletivas essas aumentam em proporção geométrica. As catástrofes coletivas, os holocaustos, por exemplo, provocam transformações substanciais na sociedade, em níveis de proximidade e distanciamento do fato identificado. As aproximações e distanciamentos e a duração da exploração dos acontecimentos são forjados de acordo com os interesses dos conglomerados políticos e econômicos.

Além de afirmar que espaço-tempo é indissociável, no que diz respeito ao desenvolvimento da atividade humana, Romano aponta que na sociedade contemporânea adquire conotação política-econômica. O autor reforça que tudo em nossas vidas está condicionado ao fator espaço-tempo. Assim, podemos dizer que vivemos em função deles dois e de um terceiro, que no mundo contemporâneo ganhou conotação significativa: velocidade. O indivíduo não caminha no mundo em total liberdade e sim à mercê do tempo, cuja velocidade dos acontecimentos limita os espaços de suas ações em todos os aspectos de suas vidas, mesmo que relute contra isso.

A relação espaço-tempo-velocidade ocupa lugar nos estudos sobre o comportamento social do homem contemporâneo, com registros que indicam a existência de dois grandes paradoxos, embora num determinado momento eles venham a convergir para um mesmo ponto. De um lado estão indivíduos cuja relação com esses fatores ocorre em plena liberdade e de outro estão aqueles cujas amarras os aprisionam a ponto de provocar efeitos colaterais substanciais. As erupções psico-sociais são visivelmente notadas, tanto no que diz respeito aos que negligenciam o tempo quanto aos que dele são escravos.

As coordenadas do tempo não são mais determinadas pelo relógio biológico e sim pelos conglomerados mercadológicos que impõem aos indivíduos um ritmo de vida acelerado se quiserem sobreviver, principalmente, no meio urbano dos centros desenvolvidos. Romano vem nos alertar que o tempo está ligado diretamente ao



desenvolvimento do mundo. É responsável pelo movimento histórico. Sob tal aspecto registra-se a responsabilidade dos meios de comunicação de massa, como vetor de uma corrida acelerada na forma de ver e acompanhar o mundo contemporâneo.

O mundo das telecomunicações e da informática, este onde vivemos cercados atualmente, apresenta maneiras diferentes de pensamentos e de relacionamentos entre as pessoas, inimagináveis se tomarmos como referência apenas poucas décadas. A mudança incessante e a grande velocidade pelas quais as sociedades mais evoluídas atravessam se devem em grande parte aos mecanismos transmissores de informação colocados à disposição do homem moderno.

Pierre Lévy, mais especificamente a partir da década de 1980, passou a discorrer sobre a capacidade tecnológica das sociedades modernas, no âmbito econômico e da evolução cultural de um modo geral. Começou a questionar sobre as influências dos meios de comunicação de massa na administração do tempo e do espaço. Os olhares dos pensadores e analistas se voltaram para o papel desempenhado pelas novas tecnologias da informação e da comunicação.

A incidência cada vez mais pregnante das realidades tecnoeconômicas sobre os aspectos da vida social e também os deslocamentos menos visíveis que ocorrem na esfera intelectual obrigam-nos a reconhecer a técnica como um dos mais importantes temas filosóficos e políticos de nosso tempo. (LÉVY, 1993, p. 7).

Responsável pela expansão da indústria moderna, quando os músculos humanos foram poupados e a força animal foi substituída, a máquina a vapor, desenvolvida no século XVIII, desencadeou mudanças sociais, econômicas e políticas. O mesmo aconteceu com os primeiros veículos motorizados ao transitarem pelas ruas. Esses levaram os cidadãos ao pânico. As aeronaves fizeram com que muitos parassem estupefatos para vê-las cruzarem os céus. O novo e o desconhecido causam no homem um misto de medo, desconfiança e curiosidade. As mudanças, as inovações, as descobertas, a disseminação das informações têm um vetor que é a curiosidade constante que o homem traz consigo de procurar entender o meio ambiente em que vive.

O século XX só elaborou reflexões profundas sobre motores e máquinas operatrizes, enquanto que a química, os avanços da impressão, a mecanografia, os novos meios de comunicação e de transporte, a iluminação elétrica transformavam a forma de viver dos europeus e estabilizavam os outros mundos (LÉVY, 1993, p. 8).



Ao longo da história da humanidade sabe-se da importância dos meios de comunicação, dos mais primitivos aos mais modernos, na vida de todo e qualquer cidadão. Mais do que em outro período, atualmente, é impossível conceber a sociedade sem a ajuda desses mecanismos. Os meios de comunicação são considerados fatores preponderantes na estratégia econômica dos países desenvolvidos, com reflexos na política e na cultura. No contexto atual, os conglomerados socioeconômicos têm sido responsáveis por uma nova maneira de tratar o tempo e o espaço, a criação de uma nova cultura baseada no tempo real.

A questão não é mais tanto saber a que distância se encontra a 'realidade' transmitida, mas a qual velocidade sua imagem vem se anunciar em nossas telas. Podemos nos perguntar, efetivamente, se os meios de comunicação industriais não teriam atingido um limite de tolerância que seria menos deontológico do que etológico...Podem estes meios se afastar indefinidamente das condições 'naturais' de comunicação, deste equilíbrio entre a necessidade e a capacidade que a funda? (VIRILIO, 1996, p.6)

A capacidade inata de comunicar é condição indispensável para o homem estar no mundo, responsável inclusive pela sua sobrevivência. E é justamente essa capacidade que para Virilio (1996) torna os indivíduos aptos a distinguir entre o ambiente imediato e as representações que constrói para si mesmo, a que ele denomina de imagética mental. As mudanças das técnicas, da economia e do modo de vida da sociedade moderna estão acontecendo de forma muito rápida e desestabilizadora. Sob esse prisma, o que se questiona é a durabilidade dessa situação.

Até que ponto os meios de comunicação poderão se comprometer com este 'novo espetacular' nascido da urgência, das técnicas de tempo real, que de agora em diante infiltra todo o conjunto da comunicação de massa, tanto no Oriente como no Ocidente, abrangendo indiscriminadamente desde informações de ordem política, econômica, social ou jurídica até pseudos divertimentos livres de toda censura: reality base shows, clipes musicais e pornográficos, jogos interativos etc. (VIRILIO, 1996, p. 14).

Há que se discutir de fato, pois as 'maravilhas' que as novas tecnologias nos trazem fazem-nos ficar surpresos a cada dia. O jogo do vale-tudo diante das câmeras de televisão e das informações e serviços disponibilizados na rede não nos deixam



alternativas senão perguntar, onde é que vamos chegar? Assim, como os nossos avós e como os nossos pais, temos a mania de nos reportarmos ao saudosismo dos ‘velhos tempos’ e lembrar as compras anotadas na caderneta da padaria, ou até mesmo na memória do dono do estabelecimento. Do movimento das contas bancárias registrado em fichas de papel e cujos centavos podiam ser conferidos seguramente. Nos dias atuais é impossível se pensar em tais métodos, em especial, se estivermos vivendo nos grandes centros urbanos. Cada vez mais nos distanciamos do que supomos nos pertence por direito. É o espaço privado reduzido.

O momento é do espaço virtual, que na análise de Lévy (1996, p. 11), “constitui justamente a essência, a ponta fina, da mutação em curso”. Virilio (1996, p. 8) por sua vez acrescenta que por trás da primeira capacidade de adaptação ao mundo em movimento que cerca o indivíduo está a comunicação. A ela “vem juntar-se uma outra, muito mais complexa, a de distinguir entre o que cremos real e portanto verdadeiro, e o que um outro indivíduo pode tomar como real e verdadeiro”. A manipulação das informações, através da linguagem conotativa presente nos discursos midiáticos, faz com que o espetáculo da dor ganhe a forma que o veículo queira lhe dar, em função dos interesses econômicos ditados pelos níveis de audiência.

## **O Processo do Virtual**

Jean Baudrillard (apud NUNES, 1994) relata que a metáfora do ciberespaço está presente na Internet, da mesma forma que o globo está presente para o mundo: o território virtual somente existe na medida em que traçou a pré-existência do código de conectividade. Em comparação com a concepção moderna de mapa e a relação com a não representação da totalidade do mundo, a Internet que pode ser vista como um mapa pós-moderno, tornou-se a totalidade de si mesma, supersediando o mundo.

Não precisamos nos locomover até um centro comercial ou bancário para realizar operações de compra e financeira, da tela do computador essas operações são perfeitamente possíveis, porém ainda de forma cética para uma boa parcela da sociedade que tem acesso a um *personal computer*. Esse espaço criado, mesmo que veloz esbarra no fator credibilidade do processo, próprio do que é novo.

O virtual se opõe ao atual, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de



criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a plenitude da presença física imediata (LÉVY, 1996, p. 12).

Para compreender um pouco melhor, Lévy (1996, p. 18) cita como exemplo, que a tendência de uma empresa virtual é servir-se do teletrabalho, onde se verifica uma troca “da presença física de seus empregados nos mesmos locais pela participação numa rede de comunicação eletrônica e pelo uso de recursos e programas que favoreçam a cooperação”. Como se sentem, a maioria dos clientes das empresas que se utilizam desse recurso, dos intermináveis menus de acesso, até chegar-se à informação desejada (quando se chega). A ausência do ser humano, da presença física, é de fato o melhor, quando se trata do relacionamento com o cliente? As facilidades criadas, não necessitando da locomoção física, são suficientes para provar a eficiência do processo? Lévy (1996, p. 18) explica que, “a virtualização da empresa consiste sobretudo em fazer das coordenadas espaço-temporais do trabalho um problema sempre repensado e não uma solução estável”.

O centro de gravidade da organização não é mais um conjunto de departamentos, de postos de trabalho e de livros de ponto, mas um processo de coordenação que redistribui sempre diferentemente as coordenadas espaço-temporais da coletividade de trabalho e de cada um de seus membros em função de diversas exigências. (LÉVY, 1996, p.18).

Mais uma vez, de forma nostálgica, reportamo-nos às relações empresa-cliente, no momento que somos lembrados pelos nossos nomes e tratamos o proprietário do estabelecimento e dos prestadores de serviços nominalmente.

Até há pouco, nossos modos de conhecimento e representação (artes, ciências, religiões, guerra, atividades sociais e sexuais etc) dependiam tanto de nós mesmos (corpo próprio) quanto dessa capacidade induzida de nos desdobrarmos, identificando neste alter ego literalmente este outro eu que nos permite ver ou ainda conceber nosso real à distância, o que fazia com que nosso ponto de vista possuísse um relevo social natural. Um pouco como o reduzido distanciamento dos olhos de um mesmo indivíduo cria o relevo da imagem que ele percebe, sua estereoscopia, graças à leve defasagem espaço-temporal de sua motilidade ocular. (VIRILIO, 1996, p.25).

Vivemos numa sociedade complexa, não há dúvida, e perceber o outro, estar a ele ligado, mesmo que numa relação de cunho comercial, não é tarefa fácil. Temos que



nos apressar, ser cada vez mais auto-suficientes. Isso nos assusta na medida em que olhamos ao nosso redor e verificamos que a evolução caminha de forma intensa. “A empresa virtual não pode mais ser situada precisamente. Seus elementos são nômades, dispersos, e a pertinência de sua posição geográfica decresceu muito”. (LÉVY, 1996, p.19). Para Baudrillard (apud NUNES, 1994), a satelização não significa alienação; mais precisamente, sua posição é de uma superproximidade para uma simulação transparente do mundo.

Hoy día es posible guardar distancias con el vecino de al lado. Pero en la sociedad electrificada no es posible escaparse de la industria multinacional del entretenimiento ni del oligopolio de las agencias de noticias. Los temas de converción que proporcionan, las actitudes corporales que difunden, las modas y maneras de hablar que transmiten prenden a todos em la red electrónica. (ROMANO, 1998, p.33).

Tememos de certa forma, a perda do controle desse crescimento que olha mais para o tecnológico do que para o humano. Se a rede mundial de computadores veio para integrar o pensamento humano, se veio para facilitar a vida do homem, como administrar esse ópio que diuturnamente ocupa as pessoas, fazendo-as esquecer até mesmo de se alimentar e criar um mundo próprio, no seu imaginário.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não presentes’, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente, recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns ‘realistas’: ubiqüidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico). A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso o virtual é imaginário. (LÉVY, 1996, p. 21).





A evolução do sistema, que conforme já apontamos não é simples, faz com que tenhamos nossas mentes turvas, obscuras, sem noção do que será o amanhã e de como as pessoas (e estamos no contexto) irão se comportar. De uma coisa temos certeza, estaremos aprendendo sempre e queiramos ou não precisaremos nos adaptar à natureza de um novo sistema. O que não acontece, atualmente, com os mais jovens que nascem num ambiente preparado para eles. Mas e no futuro, quanto tiverem a nossa idade?

## **A Velocidade**

Lévy (1996, p.22) cria um capítulo em suas discussões sobre novos espaços e novas velocidades e cita que, “o mesmo movimento que torna contingente o espaço-tempo ordinário abre novos meios de interação e ritmo das cronologias inéditas. Para o autor, “cada forma de vida inventa seu mundo [...] e, com esse mundo, um espaço e um tempo específicos. O universo cultural próprio aos seres humanos estende ainda mais essa variabilidade dos espaços e das temporalidades”. (LÉVY, 1996, p.22)

Ele estabelece uma analogia sobre os diversos sistemas de registro e de transmissão que o homem experimentou os quais variam desde a tradicional forma oral, à escrita, chegando aos mais modernos que são as redes digitais.

Cada novo agenciamento, cada ‘máquina’ tecnossocial acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular a uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam, em que as durações se opõem, interferem e se respondem. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam aos nossos pés, forçando-nos à heterogênese. (LÉVY, 1996, p.22-23).

No contexto das sociedades modernas os mapas, temporal e espacial, ganham novas formas em função da compreensão e aceitação de mundo estabelecida por cada indivíduo. O homem chegou ao macrocosmo, interferiu no microcosmo, realiza descobertas importantes na busca da longevidade e da facilidade de locomoção e desenvolvimento das atividades e se esquece da relação com o outro. Virílio é





extremamente pessimista no que se refere ao novo contexto social provocado pelos mecanismos das novas tecnologias.

Da ilusão de óptica do motor cinemático (a verdade vinte e quatro vezes por segundo) à resolução final da clarividência humana pela velocidade absoluta das ondas eletromagnéticas, a mediatização técnica renovou progressivamente as técnicas da mediatização primitiva, tentando confiscar sem violência direta nossos direitos imediatos, agravando incessantemente a exclusão da velha comunicação, mergulhando um número enorme de pessoas num efeito do real que se tornou socialmente insustentável, e no caos geopolítico que agora resulta deste processo. (VIRILIO, 1996, p. 25).

A luta de conceitos e de modo de ver as coisas se trava entre os pensadores. Lévy não vê a virtualização como uma vilã da modernidade, assim como Virilio. Para ele, “a virtualização não se contenta em acelerar processos já conhecidos, nem em colocar entre parênteses, e até mesmo aniquilar, o tempo e o espaço como pretende Paul Virilio. Ela inventa, no gasto e no risco, velocidades qualitativamente novas, espaços-tempo mutantes. (LÉVY, 1996, p.24).

A sociedade contemporânea atravessa um estágio compreendido por um mal estar aparente e freqüentemente citada por muitos que é a dinâmica dos tempos. A fábula de Charles Lutwidge Dodgson (Lewis Carroll), Alice no País das Maravilhas, retrata num certo trecho, a indisponibilidade do coelho em atender aos chamamentos da menina por ter pressa. “Tenho pressa, tenho pressa”, são as suas palavras, enquanto corre de um lado para outro. É esse o cenário desenhado pela maioria das pessoas nas grandes metrópoles, retratado pelas imagens de quem vai e de quem vem. O corre-corre alucinado é para vencer os ponteiros, ou os dígitos dos relógios. Para o tempo não há tempo.

Para ganhar tempo, não é possível perder ou desperdiçar tempo. As pessoas não são mais donas de seu próprio tempo e sim escravizadas a ele de tal forma que cada minuto, não utilizado de maneira produtiva, pode representar uma não recuperação: o seu tempo já passou! Isso porque tempo significa produtividade. Produtividade significa lucro!

As reflexões sobre tempo-espaço são feitas sob o prisma da velocidade, em função da aceleração do desenvolvimento dos equipamentos e da própria cobrança engendrada pelo sistema socioeconômico de que nada mais pode esperar. O *share of market* precisa estar impregnado nas mentes dos profissionais que querem destacar-se



no mercado competitivo. Não é possível pensar em parar um só instante, pois a concorrência está de olho e no pestanejar de um está a oportunidade do outro.

### **Estados de Direito e de Fato**

A aplicação de técnicas mais evoluídas de produção é responsável pelo avanço da indústria dos meios de comunicação de massa. De posse de mecanismos avançados, a estratégia de persuasão e do uso do sensacionalismo para atrair o público e conquistar os índices de audiência fica cada vez mais fácil de serem manipulados pelas mídias.

Já que o movimento cria o acontecimento, o real é cinedramático<sup>3</sup> e o complexo informacional jamais teria alcançado a força que tem agora se não tivesse sido no início uma *arte do motor* capaz de ritmar uma perpétua modificação das aparências. Isto desde os recortes obtidos nos domínios da fabricação e da difusão, em 1814, quando John Walter II, diretor do Times de Londres, instala a primeira impressora a vapor realmente eficaz, capaz de imprimir mil jornais por hora, e que logo seria substituída, em 1827, pela de Cowper e Applegarth, que imprimia cinco mil jornais por hora de cada lado, prenunciando a primeira rotativa, em 1848 e, dez anos mais tarde, uma máquina que tirava vinte mil jornais por hora, para chegar ao final do século, quando ocorre a aceleração da composição com a invenção do linotipo por Ohmar Mergenthaler. (VIRILIO, 1996, p. 29).

O homem atual exige soluções rápidas para seus questionamentos, ele não consegue mais esperar com a mesma paciência o desenrolar dos fatos, como acontecia com o homem de poucas décadas. As novas tecnologias à sua disposição cobrem as distâncias mais longínquas e antecipam a chegada dos acontecimentos à velocidade de milhões de megabits por segundo. Nesse contexto, nós teremos, ao antecipar os acontecimentos, passado assim, sem nos darmos conta, “da simples gestão estatística de um fato a um novo fenômeno de representação, de teatralização virtual do mundo real”. (VIRILIO, 1996, p. 45).

O autor constata que já na primeira metade do século XIX, os jornalistas e publicitários se entregavam ao perigoso jogo dos prognósticos para atender as exigências do público. Virilio nos alerta que nessa época as atividades industriais foram reagrupadas. O setor de imprensa instalou “discretamente um controle: os telégrafos ópticos e elétricos escapam ao monopólio do Estado e vem reforçar os tráfegos

---

<sup>3</sup> Karl Kraus emprega o termo “cinedramático” no livro *La nuit venue*. (In: VIRILIO, 1996, p.29)



comerciais, marítimos e ferroviários”. Os telégrafos foram responsáveis pela evaporação dos territórios.

Foi preciso esperar a fusão/confusão da informação e da informática para obter o mesmo entre o segredo e a velocidade. Inicialmente com os primeiros decodificadores militares que se tornaram operacionais durante o segundo conflito mundial – ancestrais de nossos computadores e de nossos softwares, mas também herdeiros da vigilância obsessiva e das preocupações das democracias antigas [...] Em seguida, com a transmissão e a transcrição da mensagem e da imagem em tempo real, fica-se tentado de encobrir qualquer comportamento errático do público e obter finalmente taxas de êxito (poder de previsão correto) superiores às dos métodos clássicos, nos domínios econômico, militar, industrial e logo político (VIRILIO, 1996, p. 36).

Nesse aspecto questionamos os valores éticos intrínsecos a cada profissional, uma vez que a informação deve ser transmitida a qualquer preço, mesmo sabendo-se que depois de 24 horas ela perderá todo valor inicial, enfim ficará ultrapassada. A qualidade e a responsabilidade pelo que é transmitido, divulgado não tem parâmetros éticos. Vale tudo pela audiência e pela busca dos altos índices econômicos e o público...

A tecnologia digital está à disposição dos indivíduos em todas as partes do globo terrestre, mas as nações não evoluem da mesma forma, ou seja, linearmente, nos quatro cantos geográficos do planeta. É preciso respeitar os limites de cada região, e de acordo com Virilio,

Com a aceleração não há mais o aqui e ali, somente a confusão mental do próximo e do distante, do presente e do futuro, do real e do irreal, mixagem da história, das histórias, e da utopia alucinante das técnicas de comunicação, usurpação informacional que durante muito tempo avançará mascarada pelas ilusões dessas ideologias de progresso. (VIRILIO, 1996, p.39).

Por outro lado, para Lévy (1996, p. 11) “movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência”.

Uma vez eliminada a perspectiva espaço-temporal pelos efeitos da aceleração das técnicas de comunicação, todos os homens sobre a terra terão alguma chance de se crerem mais contemporâneos que cidadãos e de evoluírem simultaneamente do espaço contíguo e contingente do velho Estado-Nação (ou Cidade-Estado) abrigando o



*demos*, para a comunidade atópica de um Estado-Planeta. (VIRILIO, 1996, p. 43).

Por outro lado, Lévy (1996, p. 11) defende que apesar dos aspectos terríveis e sombrios existentes entre as evoluções culturais em andamento, no terceiro milênio, exprime-se uma busca de hominização. Sobre o assunto, Baudrillard (apud NUNES, 1994) sugere que dentro da perspectiva de imagens oferecidas por um meio corrente, como é o caso da Internet, atualmente, é possível criar um modelo conceitual de um espaço cibernético que não acrescenta nada para o mundo, ao contrário, o indivíduo abandona o mundo real por outro onde ele pode realizar e abarcar tudo plenamente – um mundo de transparência e imediatismo.

De que forma a Internet acabaria com o sonho de conectividade total, Baudrillard (apud NUNES, 1994) apresenta um desfecho sobre o tema, quando diz que para as pessoas, mais importante que o espaço real é o espaço simulado. Desta forma, é preciso aprender sempre. Não se trata aqui de olhar a Internet como inimiga, como uma arma poderosa de destruição das mentes e corações humanos. A Internet veio para dominar, disso não se pode mais fugir e nem tentar ignorar. O que temos que estabelecer é o uso adequado da ferramenta e não uma guerra conflituosa de poderes.

### **Referências bibliográficas**

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

NUNES, Mark. **Baudrillard in cyberspace**: internet, virtuality, and postmodernity. DeKaib College, copyright, 1995. Originally published in Style 19 (1994).

ROMANO, Vicente. **El tiempo y el espacio en la comunicación: la razón pervertida**. Espanha: Argilautxe Hiru, 1998.

VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.